

LINGUAGEM, AUTISMO E PEDAGOGIA: UMA DISCUSSÃO A LUZ DA TEORIA ENUNCIATIVA BENVENISTIANA

Aurinete Maria dos Santos Souza ¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de um estágio em um curso de pós-graduação em Neuropedagogia com crianças que estão no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Mesmo acontecendo em ambiente de clínica escola de uma instituição de ensino superior da cidade do Recife, nos remete ao ambiente escolar, especificamente a sala de aula. Pois em nossas salas de aula os profissionais dos anos iniciais têm se deparado com o grande desafio de alfabetizar. E quando se trata de crianças no (TEA) o esforço precisa ser intensificado. Quando o assunto é linguagem, se recorre as questões neurobiológicas, metodologias que prometem sucessos, material didático e pedagógico específicos para TEA.

¹ Mestranda do Curso de **CIÊNCIAS DA LINGUAGEM** da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, prof.aurinetesouza@gmail.com;

METODOLOGIA

Este trabalho é resultado da experiência de estágio clínico no curso de pós-graduação em Neuropedagogia em sua instituição de ensino superior da cidade do Recife. O estágio aconteceu no ambiente de clinica escola desta instituição, com crianças que estão no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) com idades entre 3 e 11 anos.

A abordagem usada em nossa pesquisa é a qualitativa, por nos possibilitar o aprofundamento da compreensão do fenômeno, do objeto pesquisado, e também por buscar explicações sobre os porquês dos acontecimentos, com enfoque na interpretação do próprio objeto (OLIVEIRA, 2003).

Será uma pesquisa explicativa, visto que procuramos registrar fatos, analisar, interpretar, identificando suas causas, em busca das generalizações mais amplas (Lakatos e Marconi, 2011). Como aporte teórico teremos Benveniste (1991), Flores (2013, 2017), Kanner (1966), DSM-5 (2014), Brasil (2012).

Objetivos:

- Analisar a luz da teoria linguística enunciativa benvenistiana as falas de mães no que se refere a linguagem de seus filhos.

- Relatar e discutir a luz da teoria linguística enunciativa estar elementos que remetam a linguagem no autismo a partir do que as mães descrevem.
- Refletir sobre a linguagem no autismo aprendidas pelas mães em contraponto com a ótica linguística.

Este trabalho realizou-se nas seguintes etapas:

Descrever o ambiente físico em que corriam os atendimentos as crianças. Descrição do ambiente subjetivo (aquele apreendidos pelas emoções, sentimentos, gestos, falas).

Destaque de um recorte de uma conversa em que duas mães descrevem a vida educacional de seus filhos, repetem falas de sua professora expõe suas angustias. Essas duas mães tem idades entre 27 e 38 anos. Vamos nos referir a elas como M1 e M2.

Neste recorte nossas atenções estão sobre as questões da linguagem. A análise acontecerá a partir de uma discussão entre as falas das mães em contraponto a teoria linguística benvenistiana.

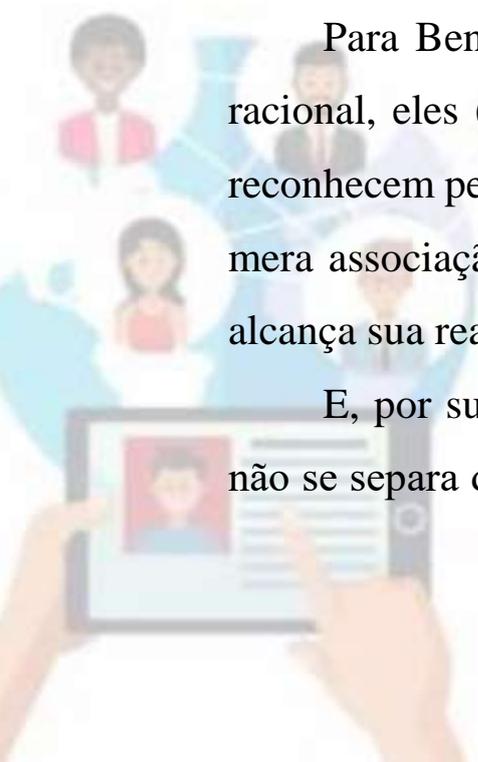
REFERENCIAL TEÓRICO

Autismo: Algumas Considerações

As primeiras e elementares alusões sobre as características do autismo vieram dos estudos do psiquiatra austríaco, Leo Kanner em 1943, quando observava crianças com comportamentos atípicos em relação as outras.

Atualmente o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), traz o autismo incorporado a um termo médico chamado de **Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)**. Esse transtorno foi definido pela presença de déficits persistentes na comunicação e na interação social. O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é considerado um transtorno de neurodesenvolvimento onde a criança tem déficits na comunicação social e alimentam interesse limitado e condutas estereotipadas (DSM-5, 2014).

Teoria Enunciativa: A constituição do Sujeito pela e na Linguagem



Para Benveniste (1991) o uso de símbolos torna o homem racional, eles (os símbolos) não são simplesmente sinais, que se reconhecem pelo treino, mas exigem interpretação que ultrapassa a mera associação, visto que esta capacidade simbólica do homem alcança sua realidade soberana na linguagem.

E, por sua vez, a linguagem se faz dentro de uma língua, e não se separa de uma sociedade. Ou seja, “língua e sociedade não

se concebem uma sem a outra” (BENVENISTE, 1991, p. 31). Com esta afirmativa, Benveniste ultrapassa as fronteiras estruturais da língua, e com isto mostra que o fundamento da subjetividade está no exercício dela (língua).

O entendimento a respeito da língua em Benveniste é em sua essência social, apreendida no coletivo, ela conserva os homens juntos, fundamenta as relações humanas e também a sociedade.

A linguagem não deve servir de mero instrumento de comunicação ao homem, visto que o instrumento é algo que coloca o homem e a natureza em situações opostas. Pois assim sendo, nega a condição de sujeito do homem, sendo isto que o torna único entre os animais (BENVENISTE, 1991). A linguagem seria a “faculdade de simbolizar inerente a condição humana” (FLORES, 2019, p.152).

“É o homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (BENVENISTE, 1991, p.285). A linguagem não surgiu no encontro do homem com outro homem, mas ela (a linguagem) faz e sempre fez parte da natureza do homem.

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica na reciprocidade – que eu me torne tu na alocação

daquele que por sua vez se designa por eu (p.286).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Transcrição do Recorte

No ambiente onde aconteciam os atendimentos tínhamos uma sala de tamanho considerável com muitos brinquedos onde eram realizadas as oficinas, percebíamos que as crianças sempre estavam felizes naquele ambiente. E esta felicidade também era percebida nas mães. Tínhamos salas menores para os atendimentos individuais as crianças e suas respectivas mães, nestas tínhamos apenas duas cadeiras, paredes brancas um gaveteiro com alguns brinquedos, e lenços de papeis. Nestas salas muitas angustias eram expostas, sentíamos como se fossem exaladas pelos poros daquelas mães.

Mas, o recorte que destacamos não diz respeito as oficinas, nem aos atendimentos individuais e privados, entretanto de uma conversa “informal” no pátio. Duas mães sabendo que também era pedagoga (pois naquele ambiente assumia o status de neuropedagoga), me procuram (enquanto estava indo a cantina) com os livros e cadernos da escola de seus filhos nas mãos, muito angustiadas pelo que já a algum tempo ouviam da professora.

Discussão

A partir desde recorte percebe-se que o entendimento de linguagem aprendidas pelas mães, está muito atrelada a compreensão que tem a professora de seus filhos em relação a linguagem no autismo.

O entendimento de linguagem como mero instrumento de comunicação é nítido nas falas de M1 e M2, bem como na descrição da fala da professora pelas mães. Entendemos que isto nega a condição de sujeito linguístico discutida em Benveniste.

A linguagem seria a “faculdade de simbolizar inerente a condição humana” (FLORES, 2019, p.152), ela não deve servir de mero instrumento de comunicação ao homem, visto que o instrumento é algo que coloca o homem e a natureza em situações opostas.

Quando respondem que seus filhos apontam para dizerem o que querem, M1 e M2 não conseguem percebê-los como sujeitos na linguagem. Enquanto negavam esta condição em seus filhos, e acredito que muito por influência do discurso da professora, estavam o tempo todo em interação com eles enquanto conversávamos.

É exatamente neste momento entre mães e filhos, que percebemos a constituição do sujeito pela e na linguagem segundo Benveniste. No diálogo com o *tu*, o *eu*, se reconhece, se apresenta como sujeito, pois só há possibilidade de consciência de si mesmo quando experimentada por contraste.

A consciência do *eu* não existirá enquanto não houver um discurso, diálogo, com um *tu*. É nesta relação dialética, de reciprocidade “que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (BENVENISTE, 1991, p.287). O diálogo na situação entre M1, M2 e seus filhos ultrapassa os aspectos da verbalização, claramente eles são sujeitos linguísticos, assumindo seus papéis sociais.

Mas a ideia equivocada sobre linguagem já construída as conduzem a negar a condição de sujeito linguísticos de seus filhos. O homem é homem porque tem linguagem, e nela e por ela se constitui sujeito.

No momento em que M1 me mostra o vídeo em que seu filho estava pintando enquanto as outras crianças faziam a tarefa de verdade, não seria este um sinal de que a inclusão não estava acontecendo naquela instituição, ou pela menos não aconteceu naquela aula? Será que se a professora tivesse uma concepção de linguagem diferente do que deixa transparecer em suas falas, o filho de M1 estaria participando das aulas, ainda que com uma atividade adaptada, não apenas pintando? Será que seria preciso

força-lo a ficar quieto em uma cadeira para não atrapalhar os colegas ou teria a liberdade de interagir? Levando em consideração a concepção de linguagem em Benveniste acredito que sim, a realidade dos fatos poderia outra. Mas isto merece uma outra pesquisa de caráter empírico.

Entanto pedagoga posso dizer que, olhar a linguagem dentro esta perspectiva, é exceder a visão limitante e limitada dela como apenas mero instrumento de comunicação. Não me omito em dizer que aquela conversa “informal” me fez refletir sobre a linguagem no autismo, e mergulhar em busca de conhecimento em mares ainda desconhecido, neste caso a linguística, em busca de respostas, e lá encontrei o Benveniste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que o entendimento de linguagem como mero instrumento de comunicação ainda é algo muito forte, e quando isto acontece dentro de uma instituição educacional e com crianças autistas nisto toma uma proporção de “gravidade” ainda maior. Visto que essas crianças tem chegado em um número bem maior e cada vez mais cedo as escolas, ainda na educação infantil.

Percebe-se que com a compreensão da linguagem dentro da perspectiva benvenistiana poderíamos dar respostas mais assertivas as angustias das mães quanto a linguagem de seus com autismo e

levá-las ao entendimento de que eles estão na linguagem de maneira muito peculiar e singular.

Considero este um espaço de reflexão onde possamos discutir a linguagem na perspectiva linguística sob a ótica de uma pedagoga, especificamente sob a luz dos estudos enunciativos benvenistiano.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da FUNDAÇÃO ANTONIO DOS SANTOS ABRANCHES – FASA, através da concessão de bolsa de estudo de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRASIL. Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em 11/07/2020

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991.

FLORES, Valdir. Nascimento. et al. Dicionário de linguística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2019.

KANNER, Leo. Psiquiatria infantil. Buenos Aires: Paidós e Psique, 1966.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses. Recife: Edições Bagaço, 2003.

